

Nomear o livro, nomear a perda

Gabriela do Amaral*

O livro é dado como começando no fim, quando já está escrito.
— Roland Barthes

Palavras salgadas

Nota prévia ao romance “Salmoura”

Após a passagem do meu pai em agosto de 2021, vivi o processo de luto da única maneira que poderia viver: escrevendo. Durante o outono do mesmo ano, quando as bibliotecas ainda estavam em um regime pandêmico, comecei a frequentar a Biblioteca Pública Municipal do Porto na frente do Jardim de São Lázaro sem saber o que tomaria forma a partir dali.

Consegui abrir um espaço nos meus dias enquanto a minha filha pequena ficava com meu marido para que eu pudesse ir à biblioteca ficar em silêncio. Pelo menos três horas por dia eu dedicava a minha energia, o meu corpo e a minha atenção ao ato da escrita. A princípio, não sabia o que aconteceria. Na altura, o que mais me importava era o gesto, a postura de ser de fato uma escritora.

Chegava todos os dias às 9h e sentava no meu lugar de número 55. Comecei a ler alguns livros, levei os meus diários dos últimos anos e passei a registrar o processo de ir à biblioteca diariamente. Aos poucos, durante aquela rotina, me

* Gabriela do Amaral nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. É Poeta, Designer e Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes pela Universidade do Porto (Portugal). Mora em Portugal desde 2017 e atualmente vive na cidade de Braga (Portugal). Autora de *Acidentes Tropicais* (Quelônio, São Paulo, 2019 e Exclamação, Porto, 2022), *Cloro* (Flan de Tal, Vila do Conde, 2019), *Língua-mãe* (Fresca, Porto, 2021) e *Pequenas Erupções* (Ed. 7letras, Rio de Janeiro, 2022). | e-mail: gabriela.gomes.amaral@gmail.com

desafiei a escrever um ensaio autobiográfico para enviar para uma revista literária. No meio deste exercício — entre as minhas leituras — estava o livro *A Preparação do Romance*, de Roland Barthes. Antes de o adentrar, e apenas pelo título, pensei: ali estaria um guia sobre como começar a escrever um romance.

Para minha surpresa, o maior encontro com o Barthes não foi em si a forma do romance, mas o encontro com o luto. Ele descobriu ao longo do livro (e do curso) uma nova forma de viver e lecionar a partir do luto que vivia de sua mãe, e eu, encontrando em seu fluxo de pensamentos uma identificação, um pulso de vida, sobre como eu poderia atravessar o meu próprio luto.

Na confluência do luto que eu, Barthes e, agora, Flaubert dividíamos, “Salmoura” passou a ser o nome do livro. Explico:

“Marinade, literalmente Salmoura, ‘vinha d'alhos’. Em “Flaubert et la phrase”, Roland Barthes comenta “quando o fundo da tristeza é atingido, Flaubert se joga sobre o sofá: é a ‘marinade’, situação aliás ambígua, pois o sinal do malogro é o também da fantasia, a partir do qual o trabalho vai ser pouco a pouco retomado, dando a Flaubert uma nova matéria que ele poderá rasurar.” A ideia da marinade flaubertiana. Ver, entre outras, a carta a Ernest Chevalier, 12 de agosto de 1846,” ...eu me jogo sobre um divã de marroquin verde que mandei fazer recentemente. Destinado a me marinar nesse local, mandei ornar o meu bocal à minha moda e vivo aí como uma ostra sonhadora.”

É neste estado físico “marinado, em “salmoura” flaubertiano, tendo atingido o fundo da tristeza (e possivelmente o topo da fantasia), que compareço todos os dias à Biblioteca Municipal do Porto. Não à toa descubro que a **salmoura**, esta solução de água saturada de sal, ocorre de maneira natural pela evaporação da água do mar ou da água dos lagos salgados, pela ação do sol e do vento. Era

preciso deixar também que o luto se desse de maneira natural, passando por ele, deixando a água evaporar.

1.

Acordo triste com a missão de içar vela e navegar. O mar, como sempre, está revolto e é preciso animar os marinheiros. Menos a pequena marinheira, essa está sempre pronta pra embarcar nas maiores aventuras. Tento ser como ela, ou lembrar de quem eu era. Mas o mar para ela é novo. Eu procuro o meu capitão, o meu marujo, o homem que um dia se preparou para embarcar para a Argentina de um porto do Rio de Janeiro. Mas o navio não saiu. Não nesse dia. Então ele voltou pra casa. E por causa de uma viagem que não aconteceu, eu nasci.

2.

A organização literária da morte é, para muitos, a única maneira de sobreviver a ela. Ninguém importante disse isso, mas colocar na boca dos outros parece dar mais credibilidade. Eu disse isso e é porque um dia eu disse *hoje este texto vai me salvar*. Já Roland Barthes, no *Diário de luto*, desenvolve uma outra ideia: “Não suprimir o luto (a dor) (ideia estúpida do tempo que abolirá), mas mudá-lo, transformá-lo, fazê-lo passar de um estado estático (estase, entupimento, recorrências repetitivas do silêncio) a um estado fluido”. Movimento. Fluxo. Onda. Eu acrescento: limpar caixas, organizar papéis, caminhar chorando, cozinhar chorando, escrever.

3.

Existe um certo conforto em saber como a história termina. Por mais que o final seja triste, já saber o fim pode trazer um certo tipo de paz. No dia em que descobri o diagnóstico do meu pai, atravessei o Jardim de São Lázaro, que fica na

frente desta biblioteca que estou agora escrevendo este romance, completamente desorientada. Fui invadida por um sentimento horrível de impotência. O diagnóstico já pareceu o fim. Visualizei muitas vezes os últimos dias de vida do meu pai, me imaginei perdendo ele, chorando sua morte. O dia do diagnóstico de um doente terminal é quando ele começa a morrer. Depois vim a descobrir que isso tem um nome, chama-se luto antecipatório.

O fim da história, que deveria trazer algum tipo de conforto, neste caso só traz angústia. Um mês antes do meu pai falecer, eu estive obcecada em um ensaio da Anne Carson chamado “Cassandra Float Can”. Nele, Carson analisa a figura de Cassandra como profetiza e nos apresenta duas questões cuja primeira é: uma profetisa é uma figura que carrega notícias consideradas inacreditáveis. Elas têm de ser inacreditáveis para a figura da profetisa existir. “The prophet must prove to you that she is a prophet by telling you unbelievable news.”¹[A profetiza deve provar a você que é uma profetiza, contando-lhe notícias inacreditáveis.] Se forem notícias com as quais conseguimos lidar, elas não virão de uma profetiza. A profetiza carrega consigo notícias impossíveis de digerir. Como se elas não fossem reais. Como o diagnóstico de um câncer fatal como o de pâncreas. Se Cassandra tivesse aparecido pra mim naquela altura com essa notícia eu diria *Hey, Cassandra, eu não acredito em você, o meu pai faz exames constantemente, se exercita, é a pessoa mais cuidadosa que conheço. Hey, Cassandra, você não é profetisa, sai daqui.* E a segunda questão que Anne Carson traz é a seguinte: é possível acreditarmos em algo extremamente inacreditável? É possível acreditarmos em algo extremamente inacreditável no momento em que o inacreditável está acontecendo? E como se inicia o processo dessa crença? Existe alguma fissura por debaixo da porta do inacreditável que deixa passar algum tipo de luz? Essa luz é a esperança? Essa luz é a fé? Ou, como saber se essa porta do inacreditável é a própria luz? *Is it possible to believe something truly unbelievable? How does that begins? Is there a crack of light*

¹ Carson, Anne. “Cassandra Float Can” in *Float*. Londres: Jonathan Cape, 2016.

under the door? How do you know to see it as a light? Como podemos saber, enquanto estamos com a cara colada no presente, se as notícias que a profetisa nos traz são portas para um precipício ou portais para um poço iniciático? Como enxergar no diagnóstico terminal um lado bom? Como ver no fim, um início?

4.

A minha mãe não usou a palavra *câncer* quando disse o que o meu pai tinha _____. Em hora nenhuma ela disse com todas as palavras o que estava acontecendo, não disse *o seu pai tem um câncer no pâncreas e talvez precise fazer quimioterapia*, só disse “vem aí uma temporada muito pesada, o seu pai está com uma lesão no pâncreas e os médicos vão avaliar se entram com medicamento ou se uma cirurgia pode resolver”. Ela nunca disse *câncer*. Ele nunca disse *câncer*. E isso me faz perceber como não queríamos ou não podíamos lidar com o real, como não nomear as coisas não ajuda em nada a gente atravessar o processo.

Porto, 29 de outubro de 2020.

Não sei nem por onde começar a escrever sobre este mês eterno chamado outubro. Quanta coisa aconteceu. Nos mudamos, temos uma casa confortável, espaçosa, e sinto que estamos mais tranquilos por isso. Eu tenho o meu escritório e consegui graças a Deus dois trabalhos. Rui fez 36 anos e recebemos amigos. Por outro lado, meu pai e minha mãe não estão bem de saúde. Mamãe com umas dores nas costas horríveis e meu pai cada vez mais magro e fraco. Quando fui levar Matilda na minha mãe ontem ela disse que vinha um período intenso pela frente. É difícil conseguir dizer o nome, nem eu consigo repetir, mas o meu pai está doente. Tem uma lesão no pâncreas. Ontem passei o dia com imagens horríveis na cabeça. Mas precisamos ter fé, ele vai se curar. Eu sei que vai. Não

parece que isso está acontecendo com a gente. Não acredito ainda. Não é real. Muitas incertezas pela frente e muito medo. Não parece real.

5.

às vezes eu queria que o meu pai
escrevesse poemas
qualquer um
qualquer nota
um desenho
às vezes eu queria que saísse qualquer coisa
em forma de larva
de raiva
palavra
desenho
borboleta
uma andorinha
eu queria que saísse
pelo olho
pelo cabelo
uma lágrima
uma carta
eu queria
que saísse
desbloqueasse
abrisse
às vezes eu só queria
que o meu pai escrevesse poemas
e sentisse
o que sente
um pouco cá do lado de fora

fazia-lhe bem
ah, fazia-lhe

Esse poema dá sequência à anotação do diário em que não acredito no que está acontecendo. Em que minha mãe se veste de Cassandra e entrega as piores notícias que eu poderia ouvir nos últimos anos. A notícia que ninguém quer ouvir. Que um pai está doente.

Depois de uma bateria de exames em muitos hospitais privados, públicos, postos de saúde, depois de andar para cima e para baixo entrando e saindo de hospitais morrendo de medo da Covid, sem poder dar a mão à minha mãe — porque ela ficava do lado de fora esperando —, meu pai saiu do hospital São João em outubro de 2020 e disse: “o pior aconteceu”. Ele não disse *estou doente*, *estou com câncer*, ele não caiu, não desmaiou, não chorou. Ele afirmou que o pior aconteceu, e se disse isso é porque o pior pra ele acontecera. A coisa que ele mais temia na vida: ficar doente de uma doença que carrega no nome uma sentença.

6.

Eu não consigo imaginar o que isso foi pra uma pessoa que nunca conseguiu ver uma mordida de mosquito na pele de ninguém, que sempre abominou hospitais, que viu os pais morrerem em leitos de hospitais no Brasil, não consigo imaginar o que foi pro meu pai encarar o diagnóstico. Eu não consigo imaginar o que foi pra aquele homem grande, de um metro e noventa de altura, atlético, militar, nadador, moreno, que me carregava nos ombros por debaixo da piscina no nosso mergulho submarino, que fazia atletismo nas pistas da Escola Naval, eu não consigo imaginar o que foi pra ele descobrir que estava doente.

Quando soubemos do diagnóstico, por mais fé que eu tivesse — e eu tinha porque ele tinha —, toda a narrativa da nossa mudança para Portugal, da minha gravidez, da Matilda nascer a cara dele, na minha cabeça de escritora,

levava ao desfecho de que ele realmente iria morrer em breve. O livro ia acontecendo. Para todo lugar que Cassandra corria percebia que na verdade já estava lá, como se uma outra história estivesse acontecendo paralela a mim, só que mais rápida, e, infelizmente, eu já sabia seu desfecho.

7.

Tenho tentado descobrir por que meu pai não conseguia nomear a doença e porque não permitia que ninguém a nomeasse. Vou longe, começo pela infância dele, passo por muitos lugares, mas apenas com a terapia chego à conclusão de que estar doente é um tipo de fracasso. Nomear a doença seria assumir um fracasso do corpo. *Eu falhei. O meu corpo não conseguiu. Ele começou a falhar. Eu falhei enquanto pessoa. Comi doces demais, bebi demais, não me exercitei. Eu falhei.* Será que era isso que se passava na cabeça do meu pai? Será que ele se sentia fracassado por estar doente? Pelo seu corpo começar a desaparecer? Seria essa doença, esse câncer no pâncreas, o nosso segredo de família? Esta doença inominável, irrepresentável, seria ela o símbolo da vulnerabilidade, do fracasso? Por que uma doença passaria por uma geração como um não dito?

8.

Naqueles dias na praia, após a sua morte, ouvi um podcast. Uma escritora, filha única como eu, com uma filha pequena, e que escreve em primeira pessoa, disse, em um dos episódios, que na sua família ninguém tinha síndrome do pânico, ataque do coração ou ansiedade. Eles tinham tudo isso mas não nomeavam, diziam: “tá me dando o troço”, “o seu avô tá com o coiso”, “o negócio”. Em seguida ela contou da emoção por ver o nome da filha escrito quando nasceu. Que ela só se apercebeu de que a sua filha era real quando viu escrito o seu nome. Seria o primeiro passo para acreditar em algo, nomeá-lo?

9.

Depois de escrever sobre nomear a doença, percebo que passei os últimos anos tentando fazer com que o meu pai nomeasse os seus sentimentos. E por isso o poema lá em cima faz sentido. Sou eu tentando fazer com que o meu pai consiga nomear QUALQUER COISA, não apenas a doença. Eu desejo que ele nomeie os seus sentimentos, o seu luto pela minha avó, o amor pela neta, percebo que ele sente, mas não consegue dizer. Então tento fazer isso do único jeito que sei, escrevendo.

10.

No aniversário de cinquenta e oito anos do meu pai, nós estivemos juntos em Copacabana. Foi um dia inesquecível. Eu morava em Botafogo e ele e minha mãe em Niterói, mas eles resolveram passar o fim de semana do aniversário do meu pai no hotel militar dentro do Forte de Copacabana. Acordei cedinho, peguei um ônibus no Humaitá, atravessei o túnel e desci perto do Arpoador. Dia lindo, ainda verão. Nos encontramos e fomos para a praia. Acho que foi a última vez que mergulhamos juntos. Reparei que, apesar de amar o mar, o meu pai já não gostava mais tanto de estar na praia. Parecia sempre desconfortável.

Dia desses eu estava lendo o *Água viva*² da Clarice Lispector e ela descreve um guarda-roupa tal como se fosse o meu pai. Deixarei a descrição aqui porque é uma das melhores descrições que alguém que não o conhece já fez dele, e pode ajudar a ilustrar a situação na praia:

Desajeitado, fica de pé onde couber, sempre descomunal, corcunda, tímido e desastrado, sem saber como ser mais discreto, pois tem presença demais. Guarda-roupa é enorme, intruso, triste, bondoso.

² Lispector, Clarice. *Água Viva* [Recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

Meu pai gostava de ver o mar, mas não gostava mais de mergulhar. Passamos a manhã na praia, pegamos sol, tomamos mate, mergulhamos, tudo olhando o grande delírio visual e geográfico que é o Rio de Janeiro. Almoçamos no restaurante do hotel, meu pai sempre indeciso quanto aos pratos a serem pedidos, ele gostava tanto de comer que a hora da decisão do prato era um grande sofrimento. Ficava na dúvida e muitas vezes pedia o prato errado, sempre queria ter comido outra coisa. Mas comemos, brindamos, e depois do almoço e de alguns chopes dormimos os três na mesma cama, como há muito não fazíamos. Era uma cama pequenina, então estivemos *mesmo* aninhados.

Neste dia, eu dei de presente para ele um caderno com uma história que eu tinha escrito especialmente para aquela ocasião. Era a história de uma água-viva que não conseguia falar e murchou. Ela morou a vida inteira perto do mar mas foi passar uma temporada numa cidade muito árida. Desértica. Seca. Essa cidade era também o epicentro político de um país de tamanho continental. E eis que depois de um tempo em uma cidade com tanto espaço, com tantos quadradinhos e superquadras, ao retornar para as cidades mais orgânicas, menos cartesianas, a água-viva não sabia mais se comunicar. Essa foi a sensação que eu tive quando meu pai voltou pro Rio de Janeiro depois de quase duas décadas em Brasília. Ele secou. Foi se fechando na sua carapaça. E nada saía dali, só entrava.

Anos mais tarde, numa conversa com uma amiga ao telefone, ela me disse: “Tenho visto muitos pais adoecerem ultimamente, como se fosse uma enfermidade da masculinidade, que se dá nos órgãos dos pais de família. O meu pai teve um piripaque no ano passado”.

Começo a assistir aos pais das minhas amigas morrerem. Um a um. Ataque cardíaco. Câncer. Derrame. E eu não sei lidar, não sei o que dizer a essas mulheres que uma a uma vão perdendo o pai. Um a um eles vão fazendo a passagem e me pergunto se essa enfermidade da masculinidade não seria também uma implosão do corpo masculino, uma implosão desse não falar, desse não exprimir, desse não abrir passagem para uma sensibilidade aguda. Lembro

de Clarice, de novo, *morrer deve ser uma muda explosão interna, o corpo não aguenta mais ser corpo.*

11.

O ano em que o meu pai começou a morrer foi o mesmo ano em que ele perdeu a mãe. Mas digo que o ano em que o meu pai começou a morrer foi o mesmo ano em que ele me pediu para eu ser a sua ghost writer. Não é engraçado? Ele me pediu exatamente isso e hoje digo que ele é o meu fantasma particular. O meu pai me pediu para eu ser a sua ghost writer e escrever histórias sobre a sua infância em São Gonçalo com os primos. Eu nunca vim a terminar esse livro, coletei algumas histórias em uma conversa que tivemos nesse mesmo ano, 2016, quando perguntei qual era o seu maior medo e ele contou que era ficar doente e morrer.